

Pesquisa da Fundação Getúlio confirma falta de médicos na Capital e no MS

(NÃO ASSINADO)

Em Campo Grande há um médico para cada grupo de 490 moradores. É apenas o 40º índice no ranking nacional, bem abaixo, por exemplo do Distrito Federal, com melhor resultado, onde há um médico para grupo de 299 habitantes. Os números são de uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas que mostra no âmbito estadual que há um profissional por 746 habitantes, o décimo pior índice no País, com número bem abaixo da média nacional que é de um médico para 595 pessoas. Desde 1990 houve um avanço no Estado. Naquela época era um médico para grupo de

1.250 pessoas. Mas o número ainda é bem pior se comparado ao melhor índice registrado no País, o do Rio de Janeiro, que tem um profissional por grupo de 299 habitantes. Na capital, a pesquisa aponta que um profissional trabalha em média 52

horas semanais, com salário médio de R\$ 5,3 mil. Mas as principais deficiências continuam registradas no interior, confirma a FGV, com maior dificuldade nas zonas rurais, onde ficam apenas 0,32% dos profissionais de saúde. A pesquisa só aponta a proporção de médicos em cidades com mais de 250 mil habitantes, por isso contempla somente Campo Grande no Estado, mas o levantamento indica outros detalhes referentes ao interior. No Estado - Em Porto Murtinho, por exemplo, um médico tem de cumprir carga horária de 99 horas semanais e em Rochedo

são 85 horas, indica a Fundação. No primeiro caso é quase o dobro e no segundo mais de 30 horas por semana superior a média estadual, o que é colocado como reflexo da falta de profissionais. A ausência também rende algumas surpresas.

Em Juti, a 313 quilômetros da capital, o salário oficial oferecido ao médico que se habilita a trabalhar no município é o maior do Estado, são R\$ 44,00 por hora, mais de R\$ 9,8 mil ao mês, informa a FGV.

Os resultados têm como base o banco de dados do SUS de 2005, o Datasus, e levantamentos realizados pelo IBGE, entre os anos de 2000 e 2006.